



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 2 - 2025

A Senhora do Tepeyac: História, Teologia e Espiritualidade de uma Aparição que Transformou a América Latina

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

luizaerodesign@gmail.com

*“Mãe Santíssima de Guadalupe, cobre-nos com teu manto de luz e
guia-nos pelos caminhos da fé, da esperança e da paz.”*

Resumo

Este artigo apresenta uma análise teológico-histórica da devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, desde as aparições de 1531 no monte Tepeyac, no México, até sua consolidação como símbolo de fé, identidade e esperança para todo o continente americano. A obra busca compreender a mensagem guadalupana em sua profundidade espiritual, seu contexto histórico e seu impacto pastoral, relacionando fé, cultura e evangelização.

O texto percorre a narrativa original das aparições, a figura do vidente São Juan Diego, o conteúdo teológico do sinal deixado na tilma e o significado universal dessa manifestação mariana. Examina também a difusão do culto guadalupano ao longo dos séculos, sua importância na formação da religiosidade latino-americana e o papel da imagem como expressão da encarnação cultural do cristianismo.

Do ponto de vista teológico, o artigo enfatiza que Guadalupe é uma epifania da ternura divina, em que Maria assume as feições e a linguagem de um povo para transmitir a mensagem do Evangelho. Essa presença materna é interpretada pela Igreja Católica como sinal de reconciliação, inculturação e comunhão, reafirmando que o Evangelho floresce quando se enraíza na realidade dos povos.

Por fim, o estudo propõe uma reflexão sobre a atualidade pastoral da mensagem guadalupana, que continua a inspirar a fé e a esperança dos cristãos, chamando-os à solidariedade, à evangelização e à construção de um mundo mais humano. Nossa Senhora de Guadalupe emerge, assim, como a Mãe da Esperança, modelo de fé encarnada e expressão viva da misericórdia de Deus.

Abstract

This article presents a theological and historical analysis of the devotion to Our Lady of Guadalupe, from the apparitions of 1531 on Mount Tepeyac, Mexico, to her consolidation as a symbol of faith, identity, and hope for the entire American continent. It seeks to understand the Guadalupan message in its spiritual depth, historical context, and pastoral impact, integrating faith, culture, and evangelization.

The text explores the original account of the apparitions, the figure of Saint Juan Diego, the theological meaning of the image imprinted on the tilma, and the universal significance of this Marian manifestation.



It also examines the diffusion of the Guadalupe devotion through the centuries, its influence on Latin American religiosity, and the role of the image as an expression of the cultural incarnation of Christianity. From a theological perspective, the article highlights that Guadalupe represents an epiphany of divine tenderness, in which Mary assumes the features and language of a people to communicate the message of the Gospel. The Catholic Church interprets this maternal presence as a sign of reconciliation, inculturation, and communion, reaffirming that the Gospel truly blossoms when rooted in the life and culture of the people.

Finally, the study reflects on the pastoral relevance of the Guadalupe message in today's world, as it continues to inspire faith, hope, and commitment to justice and evangelization. Our Lady of Guadalupe thus emerges as the Mother of Hope, a model of incarnated faith and a living expression of God's mercy.

1 – Introdução

Entre as manifestações mais sublimes da presença de Maria na história da Igreja, nenhuma talvez traduza de modo tão profundo o encontro entre o divino e o humano, entre o céu e a terra, quanto a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe no monte Tepeyac, em 1531. A Mãe de Deus, sob a forma de uma mulher revestida de sol e marcada pelas feições mestiças do povo americano, fez-se próxima dos simples e dos marginalizados, revelando ao mundo um rosto de ternura e de esperança. O acontecimento de Guadalupe não pode ser compreendido apenas como um episódio isolado ou como uma devoção particular; ele constitui um verdadeiro marco na história da evangelização do continente, um sinal eloquente da misericórdia de Deus e da inculturação do Evangelho nas terras do Novo Mundo.

O século XVI foi um tempo de grandes transformações. O mundo recém-saído da Idade Média testemunhava a expansão marítima, os encontros e conflitos entre civilizações, e a chegada da fé cristã às Américas. O México, então território do império asteca recentemente conquistado pelos espanhóis, vivia uma realidade marcada pela dor, pela opressão e pelo colapso cultural. Nesse cenário de tensões e feridas históricas, Deus se manifestou por meio de Maria, que apareceu ao índio humilde Juan Diego Cuauhtlatoatzin, entre os dias 9 e 12 de dezembro de 1531. A mensagem transmitida por Nossa Senhora não era de domínio, mas de consolo e reconciliação: uma palavra de amor que restaurava a dignidade dos povos nativos e convidava à unidade em Cristo.

O encontro de Maria com Juan Diego representa, assim, um momento de profunda revelação espiritual. O rosto mestiço da Virgem, os símbolos presentes em sua túnica e manto, e a linguagem carinhosa com que se dirigiu ao seu “filhinho querido” revelam uma pedagogia divina: Deus fala nas cores e formas que o povo compreende. A fé católica, em Guadalupe, assumiu as vestes da cultura indígena e tornou-se verdadeiramente encarnada na realidade americana. Por isso, a Igreja reconhece



nesse acontecimento uma autêntica teofania mariana, um sinal privilegiado da presença maternal de Maria junto aos povos do continente.

Mais do que uma devoção local, Nossa Senhora de Guadalupe tornou-se o coração espiritual da América Latina. São João Paulo II a proclamou “Padroeira das Américas e Estrela da Evangelização”, ressaltando que sua mensagem é profundamente cristocêntrica e missionária: Maria conduz sempre a Cristo, e seu papel é iluminar o caminho da Igreja em sua tarefa evangelizadora. A Virgem de Guadalupe recorda que o Evangelho não anula as culturas, mas as purifica e eleva; não destrói identidades, mas as integra na comunhão universal do amor de Deus. Assim, a aparição do Tepeyac é também um paradigma da evangelização inculturada, onde fé e cultura se abraçam em harmonia.

Teologicamente, o fenômeno guadalupano manifesta o mistério da Encarnação em sua dimensão mais humana e próxima. Ao escolher um mensageiro pobre e simples, Maria repete o gesto do Magnificat: “exaltou os humildes e saciou de bens os famintos” (Lc 1,52–53). A Mãe de Deus faz-se serva da reconciliação, e sua imagem na tilma de Juan Diego permanece como ícone da nova criação — uma mulher envolta de luz, grávida do Salvador, que traz ao mundo o Príncipe da Paz. Por isso, contemplar Guadalupe é contemplar o próprio mistério do amor divino que se inclina sobre os pequenos e os transforma em portadores da graça.

Ao longo dos séculos, o culto a Nossa Senhora de Guadalupe cresceu, irradiando-se por todo o continente e tornando-se símbolo de identidade, fé e resistência. No México, ela é a Mãe do povo; no restante da América, é sinal de unidade e esperança. Sua mensagem, porém, ultrapassa fronteiras geográficas e temporais: continua a interpelar a humanidade de hoje, convidando à conversão, à fraternidade e à defesa da dignidade de todo ser humano.

Este artigo propõe-se, portanto, a explorar a história, a teologia e a espiritualidade da devoção guadalupana sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. Busca-se compreender a profundidade desse acontecimento que uniu o céu e a terra, o europeu e o indígena, a fé e a cultura, mostrando que em Maria, Mãe de Guadalupe, o amor de Deus assumiu as cores, o rosto e o coração da América.

2 – O Contexto Histórico e a Aparição no Tepeyac

O século XVI marcou um dos períodos mais decisivos da história da humanidade. O mundo europeu, fortalecido pelos progressos científicos, pelas navegações e pela expansão ultramarina, abria novas fronteiras geográficas e espirituais. Nesse contexto de descobertas e confrontos culturais, a chegada dos espanhóis ao continente americano em 1492 representou não apenas o início de uma nova era política e econômica, mas também um profundo desafio religioso e humano. No território que viria a ser o México, a antiga civilização asteca — dotada de uma rica herança simbólica, artística e religiosa



— fora subjugada pelas forças de Hernán Cortés em 1521. A imposição do domínio europeu desestruturou o mundo indígena, provocando desolação, violência e um doloroso processo de perda identitária.

A evangelização das novas terras tornou-se uma das prioridades da coroa espanhola e das ordens missionárias. Frades franciscanos, dominicanos e agostinianos dedicaram-se com fervor à catequese dos povos nativos, levando o Evangelho e introduzindo práticas cristãs. Contudo, essa missão não foi isenta de tensões. O abismo cultural entre conquistadores e indígenas, somado ao trauma da colonização, dificultava a acolhida da fé cristã. Muitos dos novos convertidos viviam um cristianismo apenas exterior, ainda enraizado nas antigas crenças e mitologias. A transição de uma visão de mundo politeísta e ritualística para a fé em um Deus único e encarnado era lenta e dolorosa.

Foi nesse ambiente de rupturas e sofrimentos que Deus, por meio de Maria Santíssima, decidiu manifestar-se de modo surpreendente e consolador. No ano de 1531, dez anos após a queda de Tenochtitlán, o indígena Juan Diego Cuauhtlatotzin — um homem pobre, convertido recentemente à fé cristã e habitante do vilarejo de Cuautitlán — caminhava nas primeiras horas da manhã rumo à missa, quando ouviu uma melodia suave e celestial proveniente do monte Tepeyac. Ao aproximar-se, viu uma jovem Senhora envolta em luz, vestida com um manto azul-esverdeado coberto de estrelas, que lhe falou na língua náuatle, a língua do povo. A voz da Mãe de Deus era terna e maternal; ela o chamou de “meu filhinho querido, Juanito”, e pediu-lhe que fosse ao bispo de México, Dom Juan de Zumárraga, para solicitar a construção de um templo em sua honra naquele local.

A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe a Juan Diego não foi um evento isolado, mas o início de um diálogo contínuo entre o céu e a terra. Maria apareceu não aos poderosos nem aos instruídos, mas a um homem simples, representante dos povos humilhados e marginalizados da época. Por meio desse gesto, Deus confirmou sua predileção pelos pequenos e fez ressoar, novamente, o cântico do Magnificat: “Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes.” (Lc 1,52). Assim, o episódio do Tepeyac tornou-se o símbolo do encontro entre o Evangelho e a cultura indígena, entre a fé cristã e o coração do povo americano.

A narrativa das aparições, recolhida na *Nican Mopohua*, um texto indígena do século XVI, conserva o encanto e a profundidade espiritual da mensagem guadalupana. Nela, Maria apresenta-se como a “Mãe do verdadeiro Deus por quem se vive”, expressão que traduz uma teologia do amor e da presença divina profundamente inculturada. Ela não fala de conquista ou de poder, mas de ternura e de proteção. Seu pedido para que um templo fosse construído no monte Tepeyac tinha um significado espiritual e simbólico: o santuário seria o espaço da reconciliação entre os povos, o ponto de encontro entre o Criador e seus filhos feridos pela história.



O bispo Zumárraga, prudente e desconfiado, pediu um sinal para comprovar a veracidade das aparições. Maria prometeu concedê-lo. No dia 12 de dezembro, ela apareceu novamente a Juan Diego e o enviou ao topo do Tepeyac, onde, em pleno inverno, floresciam rosas de Castela — flores que não existiam naquela estação nem naquele solo. Juan Diego colheu-as e as levou escondidas em seu manto (*tilma*). Ao abrir o manto diante do bispo, as rosas caíram ao chão e, de modo milagroso, apareceu impressa na *tilma* a imagem da Virgem Santíssima tal como ele a havia visto. Diante desse prodígio, o bispo se ajoelhou com lágrimas e reconheceu a autenticidade da mensagem.

A imagem impressa na *tilma* de Juan Diego é um verdadeiro catecismo visual. Cada detalhe possui um significado profundo, que une o simbolismo cristão ao imaginário indígena. O manto azul-esverdeado, cor reservada às divindades, indica a realeza celestial de Maria. O cinto preto sobre sua túnica revela que está grávida — sinal de que traz em seu ventre o Salvador do mundo. As estrelas estampadas no manto correspondem à configuração do céu mexicano naquela madrugada de dezembro, e o sol e a lua sob seus pés remetem à visão apocalíptica da Mulher vestida de sol (Ap 12,1). Ao mesmo tempo, a flor de quatro pétalas sobre seu ventre, símbolo da presença divina para os povos nativos, indica que nela habita o “Deus por quem se vive”. Assim, a imagem de Guadalupe é a perfeita síntese entre fé cristã e cultura indígena, entre revelação e inculturação, entre o Evangelho e a história dos povos da América.

A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe transformou radicalmente a paisagem espiritual do México. Em poucos anos, milhões de indígenas pediram o batismo, movidos pela fé e pela ternura da Mãe do Céu que falava sua língua e assumia seus traços. A evangelização, antes marcada pela distância e pela desconfiança, ganhou novo vigor e autenticidade. A mensagem do Tepeyac mostrou que o cristianismo não era uma religião estrangeira imposta pela força, mas uma fé que acolhe e redime todas as culturas. Como afirmou São João Paulo II, “em Guadalupe se manifesta a maternidade espiritual de Maria que, ao acolher o povo do Novo Mundo, acolhe também a sua cultura e o conduz ao Cristo Redentor” (*Homilia em Guadalupe*, 1979).

A *tilma* de Juan Diego, preservada até hoje na Basílica de Guadalupe, permanece como um dos maiores mistérios da fé católica. Apesar dos séculos transcorridos, do tempo e das intempéries, a imagem conserva-se intacta, desafiando explicações científicas. Mais que um fenômeno físico, trata-se de um sinal permanente da presença de Maria entre seus filhos. Ela continua a repetir, a cada geração, as palavras ditas a Juan Diego: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe? Não estás sob a minha sombra e proteção?” — palavras que, ao longo dos séculos, têm consolado milhões de corações e sustentado a fé de todo um continente.

Desse modo, o episódio do Tepeyac não é apenas uma história do passado, mas um evento que continua vivo na memória e na alma dos povos da América Latina. A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe é uma epifania de Deus que fala através da Mãe, um chamado à reconciliação e à esperança. No diálogo entre Maria e Juan Diego, a humanidade descobre novamente o amor de um Deus que se faz próximo, que se encarna nas dores e nas alegrias do seu povo, e que convida todos a construírem juntos um novo templo — não feito apenas de pedras, mas de corações renovados pela graça.

3 – O Significado Espiritual e Teológico da Mensagem Guadalupana

A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe no monte Tepeyac, em dezembro de 1531, transcende o caráter de um simples prodígio religioso. Sua mensagem contém uma densidade espiritual e teológica que ilumina a compreensão da presença de Maria na história da salvação e na vida da Igreja. Cada elemento do acontecimento — a escolha do vidente, o local, a linguagem, o sinal milagroso e a imagem estampada na *tilma* — revela uma pedagogia divina profundamente coerente com o Evangelho. Em Guadalupe, Maria se apresenta como Mãe, Evangelizadora e portadora da unidade, assumindo os traços de um povo ferido, para conduzi-lo ao seu Filho, Jesus Cristo, o único Salvador do mundo.

3.1 - A Maternidade de Maria e o Rosto Compassivo de Deus

No centro da mensagem guadalupana está a revelação da ternura de Deus através da maternidade de Maria. Ao chamar Juan Diego de “meu filhinho querido”, a Virgem rompe com as barreiras culturais e sociais da época. Ela não fala em nome dos conquistadores nem da estrutura eclesiástica; fala como Mãe universal, que acolhe os pequenos, consola os oprimidos e reconcilia os corações. Essa dimensão maternal reflete o mistério da Encarnação, em que o próprio Deus se faz próximo e vulnerável para salvar a humanidade.

A voz da Senhora do Tepeyac ecoa a linguagem do Evangelho: “Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

Teologicamente, a aparição manifesta de modo concreto o que o Concílio Vaticano II proclamaria séculos depois: Maria é “figura da Igreja” e “sinal de esperança segura e de consolação para o povo de Deus peregrino” (*Lumen Gentium*, 68). Em Guadalupe, Maria torna-se o ícone da Igreja que evangeliza por meio da ternura e da compaixão.

Ela não impõe, mas propõe; não conquista, mas acolhe; não domina, mas serve. Sua presença entre os povos do Novo Mundo revela que o amor materno de Deus não conhece fronteiras, e que o Evangelho é capaz de assumir as cores, as vozes e os símbolos de todas as culturas sem perder sua essência divina.



3.2 - A Inculturação da Fé e a Unidade dos Povos

Um dos aspectos mais profundos da mensagem guadalupana é o processo de inculturação — isto é, a inserção do Evangelho nas realidades culturais locais, de modo que a fé cristã se torne verdadeiramente encarnada na vida de um povo. Em Guadalupe, Maria aparece com traços mestiços, vestida como uma jovem nativa, e fala a língua náuatle, comunicando-se no código simbólico dos povos indígenas. Essa escolha divina revela uma pedagogia da salvação: Deus não destrói o que é humano, mas o assume e o purifica.

A imagem da Virgem de Guadalupe é, portanto, uma síntese perfeita da união entre o céu e a terra, entre o cristianismo europeu e a espiritualidade indígena. O sol, a lua, as estrelas e as flores — todos elementos presentes na iconografia guadalupana — são reinterpretados à luz da fé cristã. O sol e a lua, antigos símbolos de divindades astecas, aparecem agora sob os pés de Maria, indicando que ela está acima de todos os deuses, pois é a Mãe do verdadeiro Deus. As estrelas sobre o manto expressam a realeza celeste e recordam a promessa feita a Abraão: “Olha para o céu e conta as estrelas... assim será a tua descendência” (Gn 15,5). E a flor de quatro pétalas sobre o ventre da Virgem — o *nahui ollin*, símbolo indígena do centro do universo — anuncia que o Deus vivo habita em seu seio, cumprindo a profecia de Isaías: “A virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emanuel, que quer dizer Deus conosco” (Is 7,14).

A mensagem teológica de Guadalupe, portanto, é de reconciliação. Naquele momento de tensão histórica entre conquistadores e povos nativos, Maria aparece como sinal da unidade. Ela reúne em si os dois mundos — o indígena e o europeu — e os oferece a Cristo. Essa reconciliação, que tem origem no coração materno de Maria, antecipa o que o Papa Francisco definiria como o caminho da Igreja latino-americana: “A cultura da ternura e do encontro” (*Evangelii Gaudium*, 88). Assim, Guadalupe não é apenas um evento local, mas o modelo de toda evangelização que respeita, valoriza e eleva a dignidade das culturas.

3.3 - A Dimensão Cristológica e Eclesial da Mensagem

Embora o olhar se volte para Maria, o centro da mensagem guadalupana é o próprio Cristo. A Virgem aparece grávida, portando em seu ventre o Salvador. Seu gesto silencioso indica que tudo nela conduz ao Filho. Em suas palavras, não há promessas de glória mundana, mas o convite à confiança no amor divino: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?” Essa expressão contém uma profunda verdade teológica — Maria é o canal pelo qual o amor redentor de Cristo chega aos corações.

O santuário que a Senhora pede para ser erguido é mais do que um templo físico; é o símbolo da Igreja viva, edificada sobre a fé dos humildes. Na visão eclesiológica, Guadalupe manifesta o rosto da



Igreja como “casa de todos os povos”, onde cada cultura encontra acolhida e sentido. Não é por acaso que, após as aparições, a evangelização no México conheceu um florescimento sem precedentes. Em menos de uma década, milhões de indígenas foram batizados, não por imposição, mas por atração — pela beleza da fé revelada através da Mãe de Deus.

São João Paulo II, em sua homilia de canonização de São Juan Diego (2002), expressou essa verdade com clareza:

“A mensagem de Guadalupe é uma mensagem cristocêntrica, profundamente enraizada no mistério da Encarnação. Por meio de Maria, o Verbo se faz presente na nova terra, assumindo e redimindo suas culturas.”

Assim, a teologia guadalupana nos conduz ao coração do mistério cristão: Deus se faz carne, habita entre nós e confia à Mãe Santíssima a missão de gerar, no tempo, os filhos que pertencem à eternidade.

3.4 - A Espiritualidade Guadalupana: Fé que se Encarna na Vida

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe não se limita ao culto litúrgico ou à veneração popular. Ela é uma espiritualidade encarnada, que envolve o compromisso com a vida, a justiça e a fraternidade. A Mãe do Tepeyac convida seus filhos a confiar em Deus em meio às dores e desafios, a encontrar na fé um caminho de dignidade e esperança. Sua presença junto aos pobres e marginalizados revela uma opção divina pelos últimos, coerente com o Evangelho.

A espiritualidade guadalupana é, portanto, uma espiritualidade de encontro. Maria nos ensina a olhar o outro como irmão, a superar divisões e a construir pontes de amor. Sua imagem, voltada com serenidade e ternura, inspira confiança e reconciliação. Por isso, Guadalupe não é apenas um símbolo religioso; é um chamado permanente à conversão do coração, à paz e à justiça.

Em síntese, o significado espiritual e teológico da mensagem guadalupana pode ser resumido em três palavras: maternidade, inculturação e reconciliação. Nelas se expressa o rosto humano de Deus, a força universal do Evangelho e a presença ativa da Igreja que nasce do coração de Maria. A Virgem do Tepeyac continua a falar ao mundo moderno, recordando que o verdadeiro poder está no amor, que a verdadeira sabedoria nasce da humildade e que toda cultura pode tornar-se portadora de Deus quando se abre à luz do Cristo ressuscitado.

4 - A Consolidação do Culto e a Devoção Continental

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, nascida nas encostas do monte Tepeyac em 1531, ultrapassou rapidamente o espaço do milagre inicial para tornar-se um fenômeno espiritual, cultural e



teológico de proporções continentais. Desde os primeiros testemunhos das aparições até o reconhecimento eclesiástico e a difusão de sua imagem por todo o continente americano, a história guadalupana mostra como a fé popular, iluminada pela ação pastoral da Igreja, pode gerar uma verdadeira evangelização das culturas. A Virgem de Guadalupe não permaneceu confinada ao México: ela tornou-se o coração mariano da América Latina, a Mãe que acompanha os povos em sua caminhada de fé e libertação, unindo-os sob o mesmo manto de esperança.

4.1 - O Reconhecimento Eclesiástico e a Difusão Inicial da Devoção

Logo após as aparições, o primeiro arcebispo do México, dom Juan de Zumárraga, reconheceu a autenticidade dos sinais e determinou a construção do santuário pedido pela Virgem. A pequena ermida erguida no Tepeyac logo se tornou um centro de peregrinação constante, onde indígenas, mestiços e espanhóis encontravam uma nova forma de unidade espiritual. Já no século XVI, a devoção guadalupana começou a se espalhar por toda a Nova Espanha, acompanhando o processo de evangelização dos territórios americanos.

A primeira grande difusão do culto ocorreu por meio dos missionários franciscanos, dominicanos e agostinianos, que viam na imagem da Virgem morena um poderoso instrumento pastoral. Maria falava aos corações dos povos indígenas numa linguagem que eles compreendiam, e sua presença tornou-se o elo entre o Evangelho e a cultura local. As festas em sua honra, as orações e os cânticos populares passaram a expressar não apenas veneração, mas também gratidão por uma Mãe que havia se aproximado dos pobres e humilhados.

Com o passar dos séculos, a Igreja Católica confirmou o caráter sobrenatural do acontecimento guadalupano. Em 1754, o Papa Bento XIV aprovou oficialmente o ofício litúrgico e a missa próprios em honra de Nossa Senhora de Guadalupe. Em um gesto de profunda reverência, o pontífice declarou: “*Non fecit taliter omni nationi*” — “A Deus aprouve não fazer coisa semelhante a nenhuma outra nação”, reconhecendo assim o caráter singular do dom concedido à América. A coroação pontifícia da imagem em 1895 e a elevação da Basílica a categoria de santuário nacional consolidaram o lugar de Guadalupe como o centro espiritual do México e de todo o continente.

4.2 - A Virgem de Guadalupe e a Identidade Latino-Americana

A devoção guadalupana ultrapassou os limites religiosos para tornar-se elemento essencial da identidade dos povos latino-americanos. Em um continente marcado por profundas desigualdades e pela mistura de culturas, Guadalupe representou uma síntese espiritual que uniu fé, história e cultura. Ela não



é apenas a padroeira do México, mas o símbolo de toda uma América que se reconhece na fé de Maria como Mãe, protetora e intercessora.

Durante os movimentos de independência do século XIX, a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe foi adotada como emblema de liberdade e justiça. Os líderes populares viam na Virgem morena o sinal de um Deus que caminha com os pobres e que abençoa os esforços pela dignidade humana. Essa dimensão libertadora da devoção guadalupana não contradiz, mas aprofunda sua essência teológica: Maria não toma partido político, mas inspira o povo a buscar um mundo mais justo à luz do Evangelho. Assim, o culto a Guadalupe tornou-se uma espiritualidade de resistência, de esperança e de unidade.

No século XX, especialmente após o Concílio Vaticano II e as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), a teologia latino-americana redescobriu em Guadalupe um símbolo privilegiado da evangelização inculturada. O Documento de Puebla reconhece explicitamente que “Maria de Guadalupe foi o grande sinal de evangelização perfeitamente inculturada, que colocou as raízes da fé cristã nas profundezas das culturas latino-americanas” (DP, n. 282). Sob sua proteção, a Igreja no continente se compreende como Igreja do povo, chamada a ser “discípula e missionária” (*Documento de Aparecida*, n. 12).

Essa dimensão continental da devoção guadalupana expressa-se também nas peregrinações que reúnem milhões de fiéis vindos de toda a América. No coração da Basílica do Tepeyac, cada olhar que se levanta para o rosto de Maria morena traz consigo uma história de fé, sofrimento e esperança. Ali, os povos da América reencontram a certeza de que a Mãe de Deus fala sua língua, partilha suas dores e conduz todos a Cristo, fonte de vida e salvação.

4.3 - A Basílica de Guadalupe: Centro Espiritual da América

O crescimento da devoção ao longo dos séculos exigiu a ampliação do santuário original. A Basílica Velha, construída em 1709, tornou-se rapidamente pequena para acolher os milhões de peregrinos que acorriam anualmente. Em 1976, foi inaugurada a Nova Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, obra monumental que reflete não apenas a fé do povo mexicano, mas o amor de todo o continente. O espaço arquitetônico circular, sem colunas que obstruam a visão, simboliza a igualdade de todos diante da Mãe. No centro, sobre o altar, conserva-se a *tilma* milagrosa de Juan Diego, testemunho vivo da presença de Maria.

A Basílica é hoje o santuário mariano mais visitado do mundo, superado apenas por Roma em número de peregrinos. Milhões de fiéis de todas as nações, raças e condições sociais caminham até o Tepeyac movidos pela fé, pela gratidão e pelo desejo de encontrar consolo. É um verdadeiro Pentecostes

mariano, onde o Espírito Santo continua a unir os povos sob o mesmo manto materno. Como afirmou São João Paulo II em sua homilia de 1979, ao visitar o santuário:

“Neste lugar, Maria nos mostra que é possível uma evangelização que brota do amor, uma fé que se encarna na história e uma Igreja que fala a língua dos povos.”

Assim, a Basílica de Guadalupe tornou-se símbolo visível da catolicidade: unidade na diversidade, comunhão entre culturas, expressão viva de uma fé encarnada.

4.4 - Guadalupe: Sinal de Comunhão e Esperança para os Tempos Modernos

Na contemporaneidade, a mensagem guadalupana continua a oferecer um caminho de esperança diante dos desafios sociais, culturais e espirituais que marcam o continente. A Mãe do Tepeyac recorda à Igreja que a evangelização deve sempre passar pelo coração, pela compaixão e pelo respeito às culturas. Em tempos de globalização e fragmentação, Guadalupe permanece como ícone de comunhão.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, recorda que “Maria é a missionária que se aproxima de nós para nos acompanhar na vida e abrir nossos corações à fé” (EG, 286). Essa afirmação ganha vida em Guadalupe, onde Maria se faz próxima, amiga e solidária. Seu olhar sereno convida à fraternidade universal e à construção de uma civilização do amor, fundada na justiça e na paz.

A consolidação do culto guadalupano, portanto, não se limita ao passado. É um fenômeno vivo, que continua a inspirar gerações de cristãos. Sua mensagem, nascida nas margens do Tepeyac, floresceu em todo o continente e hoje se estende ao mundo inteiro como expressão da fé que une os povos sob o amor maternal de Maria. Como Mãe e Estrela da Evangelização, Nossa Senhora de Guadalupe permanece, para os filhos da América, sinal de um Deus que se faz próximo, de uma Igreja que se faz serva e de um povo que caminha na esperança da redenção.

5 - A Mensagem Teológica e Pastoral de Guadalupe para o Mundo Contemporâneo

A mensagem de Nossa Senhora de Guadalupe, nascida no coração do século XVI, não pertence apenas ao passado. Ela é viva, profética e profundamente atual. Em tempos de crise espiritual, fragmentação cultural e indiferença religiosa, a Mãe do Tepeyac continua a falar ao mundo com a mesma ternura e autoridade de quem foi escolhida para ser portadora do Verbo eterno. Guadalupe é mais do que uma lembrança de um milagre antigo — é uma chave teológica e pastoral para compreender como Deus age na história, especialmente através dos humildes e esquecidos. Sua presença continua a ser sinal de

esperança, reconciliação e renovação da fé, especialmente no continente americano, mas também para toda a Igreja universal.

5.1 - O Rosto Materno de Deus no Mundo Moderno

A primeira grande lição teológica de Guadalupe para o mundo contemporâneo é a revelação do rosto materno de Deus. Numa sociedade marcada pela pressa, pelo individualismo e pela falta de empatia, Maria surge como testemunho vivo da ternura divina. A Mãe que desceu ao Tepeyac para consolar um povo ferido continua a descer, em cada tempo e lugar, para recordar que o amor de Deus não se impõe, mas se oferece.

Ao chamar Juan Diego com expressões de carinho — “meu filhinho querido, o mais pequeno dos meus filhos” —, Maria nos mostra o estilo de Deus: Ele se revela através da proximidade, da misericórdia e da compaixão. Essa linguagem materna é uma resposta à aridez espiritual de nosso tempo, em que muitos experimentam Deus como distante ou impessoal. Em Guadalupe, a fé retoma seu caráter afetivo e humano; ela fala ao coração antes mesmo de convencer a razão.

O Papa Francisco, em sua homilia por ocasião da festa de Nossa Senhora de Guadalupe (2016), destacou que “Maria nos ensina o modo divino de estar no mundo: aproximando-se, servindo e acompanhando”. Essa presença materna não é apenas devocional, mas profundamente pastoral: convida a Igreja a ser “casa materna” para todos, especialmente para os que se sentem excluídos. Assim, a teologia guadalupana oferece uma espiritualidade do cuidado e da ternura — uma evangelização que nasce do amor e conduz à comunhão.

5.2 - A Dignidade dos Povos e a Evangelização Inculturada

Outro aspecto central da mensagem de Guadalupe, especialmente relevante para o mundo contemporâneo, é a afirmação da dignidade das culturas e dos povos. A Virgem aparece como uma jovem mestiça, assumindo as feições e os símbolos dos povos nativos. Essa escolha divina tem um profundo significado teológico: Deus fala em todas as línguas e se revela através de cada cultura.

Em uma era globalizada, em que o risco da uniformização cultural ameaça a identidade dos povos, Guadalupe recorda que a diversidade não é obstáculo, mas reflexo da riqueza criadora de Deus. Sua imagem ensina que o Evangelho pode e deve florescer em cada cultura, transformando-a de dentro para fora, sem destruí-la. Essa é a essência da inculturação da fé, que o Papa São João Paulo II chamou de “a encarnação do Evangelho nas culturas dos povos” (*Redemptoris Missio*, 52).

O exemplo guadalupano inspira, assim, uma pastoral missionária que valoriza o diálogo, o respeito e a escuta. Evangelizar, à luz de Guadalupe, não é impor uma doutrina, mas anunciar um amor

que se faz próximo e se traduz nas expressões vivas de cada povo. A Mãe do Tepeyac continua a lembrar à Igreja que a Boa Nova só é plenamente acolhida quando ressoa no coração da cultura local — quando a fé se torna vida, canto e gesto cotidiano.

Além disso, a mensagem guadalupana afirma o protagonismo dos humildes na obra da salvação. Deus não escolheu um poderoso, mas um simples camponês indígena, Juan Diego. Através dele, a Mãe do Céu manifestou ao mundo que a verdadeira grandeza está na fé dos pequenos. Essa inversão dos valores humanos, tão central no Evangelho, continua sendo um chamado profético para a Igreja de hoje: anunciar Cristo a partir dos pobres, ouvir suas vozes e reconhecer neles a presença do Senhor que continua a nascer nas periferias da história.

5.3 - Unidade, Reconciliação e Missão Continental

A mensagem de Guadalupe também contém uma dimensão eclesial e missionária de extraordinária atualidade. Em tempos marcados pela polarização, pelas divisões e pela perda de sentido comunitário, a Virgem do Tepeyac se apresenta como sinal de unidade. Sob seu manto cabem todos os povos, raças e culturas, e ali ninguém é estrangeiro.

Essa imagem de comunhão tem um profundo significado pastoral: recorda que a Igreja é chamada a ser espaço de reconciliação e fraternidade. A presença de Maria no Tepeyac foi, desde o início, um gesto de reconciliação entre mundos que se confrontavam — o europeu e o indígena —, e continua a ser inspiração para os esforços atuais de diálogo entre culturas, religiões e povos.

O Papa Francisco, em sua exortação *Evangelii Gaudium* (n. 285), afirma que “Maria é a Mãe da evangelização, que gera no coração dos povos o amor a Cristo”. Em Guadalupe, essa maternidade missionária se manifesta de modo exemplar. O encontro entre Maria e Juan Diego foi o início de uma nova evangelização, não apenas pela conversão em massa que se seguiu, mas porque revelou o modo como o Evangelho deve ser anunciado: com ternura, respeito e proximidade.

Por isso, a pastoral inspirada em Guadalupe é uma pastoral de escuta e compaixão. É uma Igreja que se faz peregrina, que caminha com o povo, que chora e se alegra com ele. Essa dimensão é vital para o mundo contemporâneo, no qual muitos experimentam o abandono e a desumanização. A Mãe do Tepeyac ensina à Igreja a estar sempre próxima dos que sofrem, dos migrantes, dos povos indígenas, das mulheres e dos pobres, para que todos se sintam filhos amados do mesmo Deus.

5.4 - O Chamado à Esperança e à Missão Universal

Finalmente, a mensagem guadalupana é uma mensagem de esperança para o mundo. Diante de um tempo marcado por crises ecológicas, morais e espirituais, a Virgem morena recorda que Deus



continua a agir na história. Sua figura grávida é um anúncio de vida: no ventre da Mãe, o Cristo renasce continuamente para o mundo. Essa é a Boa Nova que o Tepeyac continua a proclamar — a certeza de que, mesmo nas noites mais escuras, Deus prepara uma aurora de salvação.

A teologia guadalupana é, portanto, uma teologia da esperança encarnada. Não se trata de uma esperança ilusória, mas de uma fé viva que transforma realidades. Em Maria, o impossível torna-se possível: o humilde é exaltado, o oprimido é consolado, o desespero é vencido pela confiança. Seu olhar sereno convida à perseverança e à coragem diante das adversidades.

Hoje, quando tantas pessoas experimentam solidão e perda de sentido, a Virgem de Guadalupe continua a repetir as palavras dirigidas a Juan Diego: *“Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”* Essa simples pergunta contém uma promessa eterna: Deus não abandona seus filhos. Por meio de Maria, Ele permanece próximo, guiando-os até a plenitude da vida em Cristo.

Assim, a mensagem teológica e pastoral de Guadalupe para o mundo contemporâneo é clara e luminosa: anunciar o Evangelho com ternura, valorizar a dignidade de cada povo, construir a comunhão e reacender a esperança. O Tepeyac, outrora cenário de um milagre, permanece como símbolo de uma Igreja viva, materna e missionária, chamada a refletir, no meio do mundo, o rosto misericordioso de Deus.

6 - A presença de Nossa Senhora de Guadalupe na Vida dos Povos Latino-Americanos

A presença de Nossa Senhora de Guadalupe na vida e na espiritualidade dos povos latino-americanos é uma das manifestações mais profundas e duradouras da fé cristã neste continente. Desde sua aparição no Tepeyac, em 1531, a Virgem morena não cessou de acompanhar o caminhar dos filhos e filhas da América Latina, tornando-se símbolo de unidade, esperança e resistência espiritual.

Mais do que um ícone religioso, Guadalupe tornou-se alma e coração de um continente que aprendeu a ver em Maria a presença materna de Deus, próxima dos pobres, defensora dos oprimidos e mensageira de paz.

Sua imagem, estampada nas casas humildes, nos altares das igrejas e nas bandeiras de movimentos populares, é testemunho visível de uma fé encarnada na vida do povo. No rosto mestiço da Virgem, os latino-americanos reconhecem o seu próprio rosto: o de um povo nascido do encontro e do sofrimento, mas também da esperança e da promessa.

Por isso, falar de Guadalupe na América Latina é falar de uma espiritualidade viva, que atravessa séculos e fronteiras, e que continua a inspirar a busca por justiça, dignidade e comunhão.

6.1 - A Mãe que Caminha com seu Povo

Desde o início, a devoção guadalupana enraizou-se profundamente na cultura popular. Em cada romaria, novena e procissão, percebe-se que Maria é entendida não como figura distante, mas **como Mãe que caminha junto com o povo. Ela está presente nas dores e nas alegrias, nos campos e nas cidades**, nas comunidades indígenas e nos bairros periféricos. Guadalupe se fez companheira de viagem, modelo de fé e fonte de consolo em meio às dificuldades cotidianas.

A espiritualidade latino-americana é marcada por essa dimensão de proximidade e ternura. O povo reza a Maria com confiança filial, certo de que ela escuta e intercede. Essa fé popular, frequentemente expressa em gestos simples — uma vela acesa, uma flor depositada, uma peregrinação descalça —, é portadora de uma profunda teologia: ela reconhece em Maria o sacramento da presença amorosa de Deus.

Como recordou o Papa Francisco em Aparecida (2013), “a piedade popular é o tesouro espiritual da Igreja latino-americana”. E no centro desse tesouro está a Mãe de Guadalupe. Ela não é uma devoção periférica, mas um eixo espiritual que articula fé, identidade e missão. Ao longo dos séculos, Maria tem sido o rosto visível da ternura divina e o vínculo de unidade entre os povos deste continente plural.

Essa presença próxima também se manifesta na história. Durante as lutas por independência e justiça social, Guadalupe foi invocada como protetora dos pobres e dos que buscavam liberdade. Sua imagem acompanhou os exércitos libertadores, os movimentos camponeses e as comunidades eclesiais de base. Em cada momento decisivo da história latino-americana, o rosto sereno da Virgem apareceu como sinal de esperança, recordando que Deus caminha com os que lutam pela vida e pela dignidade.

6.2 - A Espiritualidade do Povo e a Inculturação da Fé

A presença guadalupana também foi determinante para a formação de uma espiritualidade autenticamente latino-americana, na qual a fé cristã se enraíza nas tradições culturais e na sensibilidade do povo. Em Guadalupe, a mensagem do Evangelho foi acolhida e reinterpretada à luz das culturas locais, unindo o amor mariano à experiência cotidiana dos povos originários e mestiços.

Essa integração deu origem a uma forma particular de viver o cristianismo: uma fé que é alegre, comunitária e profundamente ligada à vida. A Mãe do Tepeyac ensinou que a santidade não está distante da realidade humana, mas floresce no trabalho simples, na solidariedade e na confiança. Essa visão é o fundamento da espiritualidade do “povo peregrino”, que reconhece na própria caminhada o espaço da presença de Deus.

Teologicamente, Guadalupe é um exemplo luminoso de inculturação, isto é, da inserção do Evangelho nas expressões culturais dos povos. Em sua imagem estão reunidos os símbolos do mundo

indígena e cristão, formando uma síntese que não destrói, mas integra. A Virgem morena é, assim, um ícone da reconciliação e do diálogo entre mundos. Ela mostra que a fé não apaga as raízes culturais, mas as purifica e as eleva, fazendo delas instrumentos de louvor.

Essa dimensão inculturada continua a inspirar a pastoral latino-americana. A Conferência de Puebla (1979) afirmou que Maria de Guadalupe é “o grande modelo da evangelização perfeitamente inculturada”. Sob sua proteção, a Igreja na América Latina aprendeu a anunciar Cristo não de modo impositivo, mas dialogal e compassivo — respeitando as linguagens, as dores e as esperanças do povo. A espiritualidade guadalupana, portanto, é a expressão viva de um cristianismo que se faz cultura e que transforma o cotidiano em espaço de encontro com o divino.

6.3 - Guadalupe, Mãe dos Pobres e Esperança dos Povos

Um dos aspectos mais comoventes da presença de Nossa Senhora de Guadalupe é seu compromisso com os pobres. Desde o início, ela se manifestou ao mais humilde, Juan Diego, e escolheu falar através dele. Esse gesto profético se repete na história da América Latina: a Mãe continua a se revelar aos pequenos, aos esquecidos e aos que sofrem.

Em comunidades marcadas pela pobreza, pela exclusão e pela violência, a imagem de Guadalupe é fonte de consolo e força. Ela recorda que Deus se faz presente na dor e que o sofrimento dos simples não é esquecido. Nas palavras do Papa Francisco, Maria “é a mãe dos pobres e dos que não têm voz”, e em Guadalupe ela assume essa missão com singular intensidade.

Essa dimensão libertadora não se opõe à devoção, mas a aprofunda. O amor a Maria conduz à solidariedade, à justiça e à defesa da vida. Por isso, muitos movimentos sociais e pastorais populares invocam Guadalupe como símbolo de resistência e de esperança. Sua imagem, presente em marchas e celebrações, une fé e compromisso, oração e ação.

Guadalupe, portanto, não é apenas um ícone religioso: é um princípio espiritual de transformação social. Ela convida os povos latino-americanos a permanecerem fiéis à fé que humaniza e liberta, lembrando que a verdadeira devoção se traduz em gestos concretos de amor. A espiritualidade guadalupana é, assim, espiritualidade de comunhão e de compromisso — uma fé que brota do coração, mas que se manifesta nas mãos que constroem um mundo mais justo.

6.4 - Um Símbolo de Identidade e Esperança Continental

Por fim, Nossa Senhora de Guadalupe tornou-se símbolo de identidade continental. Seu rosto mestiço expressa a alma da América Latina, nascida da mistura de raças, línguas e culturas. Sob seu manto, todos se reconhecem como filhos do mesmo Deus, unidos na diversidade.



Essa consciência tem profunda relevância teológica: Maria de Guadalupe encarna a unidade na pluralidade, o ideal de uma Igreja que é comunhão de povos e culturas. Ao longo dos séculos, ela ajudou a formar a sensibilidade religiosa de uma região inteira, moldando sua arte, sua música, suas festas e sua forma de rezar. Guadalupe não é apenas lembrada — ela é vivida.

Em cada 12 de dezembro, milhões de peregrinos voltam ao Tepeyac, renovando o laço que os une à Mãe e, por meio dela, a Cristo. Essa peregrinação, que atravessa gerações, é sinal de uma fé que permanece viva e dinâmica. Guadalupe continua a ensinar que o Evangelho é caminho de encontro, e que a maternidade espiritual de Maria é força que renova as comunidades e as conduz à esperança.

Na espiritualidade dos povos latino-americanos, a Virgem do Tepeyac é a estrela que ilumina o caminho da fé. Seu olhar compassivo e seu manto azul-celeste recordam que o céu está próximo e que o amor de Deus habita as terras e os corações deste continente.

Assim, Nossa Senhora de Guadalupe permanece, no presente e para o futuro, a Mãe e a Rainha da América Latina — aquela que une, consola e conduz seus filhos rumo à plenitude da vida em Cristo. Em sua presença, o continente inteiro encontra a certeza de que Deus não abandona seu povo, mas o visita constantemente com ternura e misericórdia, para que nele floresça a esperança.

7 - Interpretação sob a Ótica da Igreja Católica Apostólica Romana

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, desde suas origens, foi acolhida e aprofundada pela Igreja Católica como uma expressão legítima e fecunda da presença maternal de Maria na história da salvação. O fenômeno guadalupano, que teve início no encontro entre a Virgem Maria e o indígena São Juan Diego no Tepeyac, é interpretado pela Igreja não apenas como um acontecimento piedoso, mas como um sinal teológico e pastoral de alcance universal. Sob a ótica católica, a aparição de Guadalupe é compreendida como manifestação da misericórdia divina encarnada na cultura e da ação evangelizadora de Maria, que conduz os povos a Cristo e revela o rosto terno de Deus.

Desde o século XVI, a hierarquia eclesial discerniu na devoção guadalupana uma autenticidade espiritual que nascia do coração do povo e encontrava plena consonância com a fé da Igreja. A rápida difusão do culto e os frutos espirituais que dele brotaram — conversões, reconciliações, obras de caridade e crescimento da fé — confirmaram sua natureza sobrenatural. O reconhecimento oficial, por parte da Santa Sé, foi sendo construído ao longo dos séculos, culminando com a canonização de São Juan Diego por São João Paulo II, em 2002, e com o reconhecimento de Nossa Senhora de Guadalupe como Padroeira das Américas, título solenemente proclamado por Pio XII em 1945 e reafirmado pelos papas seguintes.

Nessa perspectiva, a Igreja Católica interpreta Guadalupe como um evento de revelação participada, no qual Maria, serve e mensageira do Senhor, continua a exercer sua missão maternal: aproximar os filhos de Deus e suscitar a fé viva em Cristo. O magistério pontifício, desde Leão XIII até Francisco, tem ressaltado o caráter teológico e pastoral da aparição, compreendendo-a como sinal do amor divino que se faz próximo dos povos, especialmente dos mais simples e humildes.

7.1 - A Visão Teológica e Pastoral do Magistério Pontifício

A partir de Leão XIII, a Igreja passou a destacar a dimensão missionária da aparição guadalupana. O Papa, em sua encíclica *Quamquam Pluries* (1889), exaltou Maria como “auxílio poderoso dos cristãos” e modelo de fé diante das mudanças da modernidade — palavras que se aplicam perfeitamente à presença de Nossa Senhora de Guadalupe no contexto do continente americano.

Pio XII, por sua vez, foi o primeiro pontífice a se referir explicitamente a Maria de Guadalupe como “Rainha do México e Imperatriz das Américas”. Em sua alocução de 12 de outubro de 1945, destacou que “a imagem milagrosa da Virgem Maria, deixada em seu manto sobre o Tepeyac, é prova de sua ternura e de sua missão providencial para o Novo Mundo”. Para o Papa, o evento guadalupano não é apenas local, mas um sinal da maternidade universal de Maria, que abraça todos os povos do continente e os conduz à unidade na fé.

O Concílio Vaticano II aprofundou essa perspectiva, especialmente no capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que descreve Maria como “membro eminente e inteiramente singular da Igreja, tipo e modelo da mesma” (LG, 53).

À luz desse ensinamento, Guadalupe é vista como sinal da Igreja em sua dimensão materna e evangelizadora: Maria é a primeira discípula e missionária, e sua aparição no Tepeyac manifesta a Igreja que nasce do encontro entre culturas e se renova no amor.

São Paulo VI, ao retomar o espírito conciliar, reconheceu em Guadalupe o modelo de inculturação da fé. Em 1970, durante seu pontificado, afirmou que a Virgem do Tepeyac é “a estrela da evangelização da América Latina”, porque sua mensagem uniu o Evangelho à sensibilidade e às tradições dos povos indígenas.

Essa interpretação encontra eco na exortação *Evangelii Nuntiandi* (1975), na qual Paulo VI ensina que a evangelização deve “transformar e renovar os critérios de julgamento, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento e as fontes inspiradoras” de uma cultura (EN, 19). Guadalupe é, portanto, uma evangelização encarnada, expressão viva do encontro entre o divino e o humano.



7.2 - João Paulo II e o Reconhecimento da Missão Guadalupana

Entre os papas modernos, São João Paulo II teve um papel decisivo na difusão do culto e na compreensão teológica de Nossa Senhora de Guadalupe. Em suas cinco visitas ao México e em múltiplos documentos, o pontífice polonês interpretou Guadalupe como o coração espiritual da América. Durante a canonização de Juan Diego, em 2002, ele afirmou:

“Na mensagem de Guadalupe, Maria aparece como a Mãe que se faz próxima, que acolhe e consola, que une e evangeliza. Ela é a estrela da nova evangelização deste continente.”

Para João Paulo II, Guadalupe é o paradigma da Igreja em missão. Em sua exortação apostólica *Ecclesia in America* (1999), o Papa dedicou todo o número 11 à Virgem do Tepeyac, declarando que “a presença maternal de Maria, sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe, tem sido e continua sendo um fator determinante para a evangelização e para a integração dos povos americanos”. Ele via na imagem milagrosa uma síntese perfeita entre fé e cultura, entre a graça e a história, fazendo de Guadalupe um ícone da comunhão entre os povos e da esperança cristã.

Sob essa ótica, a mensagem guadalupana é teologicamente cristocêntrica: Maria aparece não para ser o centro, mas para conduzir a Cristo. A imagem milagrosa, portanto, não é apenas símbolo de ternura, mas de missão. Ela proclama silenciosamente o mistério da Encarnação — a flor no manto, o sol e a lua, as estrelas e o cinto de maternidade — todos apontam para o Verbo que se fez carne. A Igreja, ao venerar Guadalupe, venera o Deus que se fez homem e habita entre os povos, revelando sua glória através da simplicidade da fé.

7.3 - Bento XVI e Francisco: Continuidade e Atualidade da Mensagem

O Papa Bento XVI, em sua visita a Aparecida em 2007, reafirmou a importância teológica de Guadalupe ao lembrar que “Maria, sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe, conduziu a Cristo os povos do continente americano e continua a fazê-lo com ternura materna”. Essa mesma perspectiva inspirou a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, cujo Documento final — redigido sob a orientação de então cardeal Jorge Mario Bergoglio — reconhece Maria como “discípula missionária e estrela da evangelização” (*DAp*, n. 266).

O Papa Francisco, dando continuidade a essa visão, enfatiza a dimensão pastoral e social da mensagem guadalupana. Em suas homilias e discursos, ele destaca que Maria de Guadalupe “fala a todos, mas especialmente aos mais pobres, aos povos originários e aos descartados”. Para o Papa, a Virgem do Tepeyac é ícone da Igreja em saída, que se aproxima dos feridos e das periferias existenciais. Na homilia do dia 12 de dezembro de 2016, Francisco afirmou:

“Maria de Guadalupe ensina-nos a ouvir o clamor dos povos, a guardar a sua esperança e a construir uma civilização do amor.”

Essa leitura pastoral reflete o coração do pontificado atual: uma Igreja próxima, misericordiosa e missionária. Guadalupe, sob essa ótica, não é apenas memória do passado, mas profecia do presente e do futuro. Ela nos recorda que a evangelização autêntica nasce do amor, e que a Igreja deve ser mãe que acolhe, não juíza que condena.

7.4 - Guadalupe como síntese da mariologia católica

À luz de todo o magistério, a Igreja reconhece em Nossa Senhora de Guadalupe uma síntese viva da mariologia católica. Nela se unem as dimensões bíblica, dogmática e pastoral do mistério mariano. Como Mãe de Deus (*Theotokos*), Maria participa do desígnio redentor de Cristo; como Mãe da Igreja, ela cuida dos fiéis e intercede por eles; como discípula e missionária, ela ensina o caminho da fé.

Guadalupe é, portanto, expressão da presença materna de Maria na história da salvação, adaptada ao contexto do Novo Mundo. Seu rosto mestiço revela a universalidade da graça, sua linguagem simbólica fala ao coração humano, e sua mensagem permanece atual: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”. Nessa frase, a Igreja reconhece o eco da promessa divina que atravessa toda a Escritura — o Deus que se faz próximo, que consola e que salva.

Sob a ótica da Igreja Católica, Nossa Senhora de Guadalupe é mãe, evangelizadora e modelo de inculturação. É a ponte entre o céu e a terra, entre Cristo e a humanidade, entre o Evangelho e a cultura. Sua presença, celebrada em toda a América, continua a ser fonte de conversão, unidade e esperança.

Assim, o magistério e a tradição viva da Igreja não apenas confirmam a autenticidade do evento guadalupano, mas o elevam à condição de ícone teológico da misericórdia divina, mostrando que Maria continua a realizar, hoje, o que iniciou no Tepeyac: conduzir todos os povos à fé viva em seu Filho Jesus Cristo.

8 - Conclusões

Ao concluirmos este estudo sobre a história e a veneração católica de Nossa Senhora de Guadalupe, torna-se evidente que o acontecimento do Tepeyac transcende o âmbito de uma devoção particular: ele representa um momento singular da história da salvação, em que a graça divina se fez visível de maneira maternal, concreta e profundamente encarnada. Naquele encontro entre Maria e o humilde Juan Diego, a Igreja reconhece o gesto de um Deus que fala nas linguagens do coração humano



e se revela através da ternura. Guadalupe é, pois, o testemunho de um cristianismo que se faz próximo, de uma fé que se reveste das cores, da música e da alma dos povos.

A Virgem morena do Tepeyac continua a ecoar, ao longo dos séculos, a mensagem do Evangelho: o amor de Deus não conhece fronteiras, e sua misericórdia se estende a todos. Na figura de Maria, o povo latino-americano descobriu não apenas uma intercessora, mas uma presença viva, um reflexo do próprio rosto de Cristo. Sua imagem, estampada no manto do indígena e gravada no coração do continente, tornou-se símbolo de esperança para os que sofrem, consolo para os que choram e farol para os que caminham nas sombras. Guadalupe é o ícone de uma fé que nasce do encontro, floresce na simplicidade e frutifica na comunhão.

Teologicamente, Guadalupe manifesta o mistério da ternura divina. Em tempos de conflito e dor, Maria aparece como mãe que reconcilia, que acolhe e que devolve dignidade aos esquecidos. Seu rosto mestiço fala ao coração dos povos da América, que se reconhecem nela como filhos amados e incluídos. Essa dimensão é profundamente evangélica: como ensina o Papa Francisco, “Deus prefere falar a partir dos pequenos, dos que não contam, dos que o mundo despreza”.

Em Guadalupe, Deus se revela não em poder e glória, mas em delicadeza e amor. Maria é o sinal dessa presença humilde de Deus, que não domina, mas serve; que não impõe, mas convida. A Igreja Católica, ao venerar a Mãe do Tepeyac, contempla o rosto misericordioso do Pai que visita o seu povo e o renova. Por isso, a mensagem guadalupana permanece atual: ela é um chamado à conversão do coração, à confiança filial e à esperança ativa.

Guadalupe lembra-nos que a fé autêntica é sempre encarnada — que Deus se deixa encontrar nas realidades concretas da vida, nas dores e alegrias do cotidiano, e que a santidade floresce quando o amor se faz gesto. A espiritualidade guadalupana é, nesse sentido, profundamente cristocêntrica: Maria nos conduz sempre ao seu Filho, fonte de vida e de redenção.

A presença de Nossa Senhora de Guadalupe moldou a identidade espiritual e cultural da América Latina. Desde o século XVI, sua imagem foi ponto de convergência entre mundos diferentes: o indígena, o europeu e o africano. Em seu rosto se encontra a reconciliação possível, a síntese entre fé e cultura, a harmonia entre o divino e o humano.

Os povos latino-americanos aprenderam, por meio de Guadalupe, a compreender que a fé cristã não destrói as raízes, mas as eleva e as transfigura. Ela ensina que a evangelização verdadeira não é imposição, mas encontro; não é conquista, mas diálogo. Por isso, Maria do Tepeyac continua sendo modelo de inculturação e comunhão, mostrando que o Evangelho floresce quando é acolhido com o coração e traduzido na linguagem da própria vida.

Hoje, a devoção guadalupana continua viva nas romarias, nos cânticos, nas imagens levadas em procissões e nas orações murmuradas nas casas simples. Essa fé, profundamente popular, é também profundamente teológica, pois expressa o núcleo do cristianismo: o encontro pessoal e comunitário com Cristo. Como afirmou o Documento de Aparecida, “a piedade popular é o modo como a fé se torna cultura e se expressa na vida dos povos” (*DAP*, n. 263). Guadalupe é o coração dessa piedade, a Mãe que guarda o Evangelho no coração de seus filhos.

A Igreja Católica, em seu magistério, tem reiterado que a mensagem de Guadalupe é de alcance universal. Ela não pertence apenas ao México ou à América Latina, mas a toda a Igreja, como sinal da presença materna de Maria na evangelização. Leão XIII, Pio XII, Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco viram, em diferentes tempos e contextos, a atualidade desse evento. Cada um, à sua maneira, destacou que Guadalupe é o rosto mariano da Igreja em missão, a mãe que acolhe os povos e os conduz à comunhão.

Para o futuro, a mensagem guadalupana convida os cristãos a viverem uma fé madura, comprometida e misericordiosa. Em um mundo fragmentado e carente de sentido, Guadalupe recorda que o cristianismo é caminho de reconciliação e de amor. Ela ensina que o Evangelho deve ser encarnado nas culturas e nas realidades sociais, como fez Maria ao aparecer no Tepeyac, assumindo a linguagem e o rosto de um povo.

O Papa Francisco, em sua homilia de 12 de dezembro de 2020, disse:

“A Mãe de Guadalupe não é uma lembrança distante, mas uma presença viva que acompanha e consola o seu povo. Ela é a mãe da verdadeira esperança.”

Essa esperança é o dom que Maria continua a oferecer aos povos da América e do mundo: a certeza de que Deus não abandona, mas caminha conosco. A devoção guadalupana é, portanto, fonte de consolação e de missão, pois quem encontra Maria se deixa conduzir por ela ao encontro de Cristo.

Em última síntese, Nossa Senhora de Guadalupe é o ícone da misericórdia divina encarnada na história dos povos. Sua mensagem, nascida no coração da América, fala hoje a todo o mundo: fala de unidade em meio à diversidade, de amor em meio à dor, de fé em meio à incerteza. Em seu olhar sereno, os cristãos encontram o reflexo do olhar de Cristo; em suas palavras de ternura, a promessa do Evangelho; em sua imagem silenciosa, o eco da presença de Deus.

Guadalupe é a Mãe da Esperança. Ela recorda à Igreja sua vocação de mãe e discípula, chamada a acolher, cuidar e evangelizar. Seu exemplo inspira a viver uma fé encarnada, sensível aos pobres e aberta ao diálogo, fiel ao Evangelho e às necessidades do tempo presente.



Que a Virgem de Guadalupe, Rainha das Américas, continue a iluminar o caminho dos povos com sua luz maternal, para que o continente e o mundo redescubram, sob seu manto de estrelas, o amor redentor de Cristo. E que, com as palavras do humilde Juan Diego, a humanidade inteira possa repetir, em confiança e ternura: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”

9 – Referências Bibliográfica

Bíblia Sagrada (Lc 1–2; Jo 2; Ap 12)

Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* (Cap. VIII)

São João Paulo II, *Redemptoris Mater* (1987)

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (2013)

Documento de Aparecida (2007)

Congregação para o Culto Divino, *Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia* (2001)

Homilias e discursos dos Papas sobre Nossa Senhora de Guadalupe



Peregrino da Esperança